

## TRÊS ARQUITETOS

A primeira vez que ouvi falar de Walter Benjamin foi numa aula do Artigas, na FAU, em que ele citava a expressão “relações culturais”. Desde então, passei a me interessar pela vida e obra deste atormentado judeu-alemão, morto prematuramente aos 48 anos de idade, no desespero da fuga do monstro nazista em 1940. Amigo de Bertolt Brecht, Theodor Adorno e Gershom Sholem, vagueou durante a vida entre o materialismo e o misticismo e foi provavelmente o “marxista mais singular já produzido por esse movimento que, sabe Deus, teve seu quinhão completo de excentricidades” (Hanna Arendt, *Homens em Tempos Sombrios*). Toda obra de Benjamin tem uma atualidade impressionante, e certamente valeria a pena rever os ensaios *Paris, Capital do Século XIX*, estudo sobre Haussman e a urbanização de Paris, e *Trabalho Sobre as Passagens*, designação dada às galerias de comércio metropolitanas feitas em ferro e vidro, verdadeiros templos de ociosidade e consumo, e que foram, sem dúvida, as legítimas antecessoras dos atuais *shopping centers*. Assim, um clima benjaminiano, feito como ele mesmo de melancolia e humor, parece ser extremamente apropriado para falar de três arquitetos e amigos: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro.

Caminhar com o Flávio pela rua era sempre uma aventura nova. Os fragmentos de lixo urbano catados por ele se reconstituíam e magicamente passavam a ser matéria-prima essencial usada para construir seus cenários e maquetes. Durante um período, pudemos acompanhar os seus trabalhos a cada dia, e eu mesmo vivi uma experiência fascinante ao fazer, junto com Flávio Motta, uma grande tela (*d'après Watteau*) que serviria para fundo do belíssimo cenário da *Ópera dos Três Vinténs* de Brecht.

Seu interesse especial pelo teatro de Brecht nascia não só pela denúncia que este fazia das contradições e misérias sociais, como também pela esperança de se poder operar mudanças.

O espírito criativo e crítico de Flávio Império, transposto nos seus trabalhos de teatro, pintura e arquitetura, mostra sua capacidade de compreender e questionar, tocando sempre o lado inesperado das coisas, e faz com que ele seja para nós um permanente estímulo e exemplo, para sempre renovar po-

sições e não petrificá-las.

A arquitetura de Rodrigo Lefèvre era o espelho dele mesmo: concisa e elegante, recusando sempre o anonimato do revestimento. A poesia musical do arquiteto Chico soa muito apropriada para lembrar sempre o arquiteto Rodrigo:

“Subiu a construção como se fosse máquina,  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas,  
Tijolo com tijolo num desenho mágico,  
Seus olhos embotados de cimento e lágrima.

/.../

Morreu na contramão atrapalhando o sábado./.../”

(Chico Buarque, *Construção*).

Morreu o Flávio, morreu o Rodrigo. Morreram os dois, ainda jovens, na contramão da vida, quando muito e muito teriam por fazer, construir e ensinar.

#### *PITTURA È COSA MENTALE* (LEONARDO DA VINCI)

O período histórico-cultural do final do século XX está sendo chamado de pós-modernismo. Não cabe aqui discutir a propriedade desta denominação. É boa como qualquer outra. O importante é perceber que estamos vivendo a era da sedução, do frívolo e do efêmero, que se tornaram em menos de meio século os princípios organizadores da vida coletiva moderna. Os conceitos não são meus. Quem os expõe com inteligência cartesiana é Gilles Lipovetsky, em seu livro *O Império do Efêmero*.

A obra de arte, sua existência única, o aqui e o agora, constroem um espaço onde a perplexidade do homem contemporâneo vai procurar resposta ao seu universo de indagações, na medida em que a ciência, comprometida com a produção industrial, tornou-se uma mega-acumuladora de conhecimentos factuais, aonde se perde a clareza e a capacidade de separar as características essenciais das coisas.

O artista, como Leonardo da Vinci já o fizera, reafirma a postura de ser humano autônomo, individual, socialmente móvel, livre para pensar e fazer. É assim que entendo o trabalho de Sérgio Ferro.

Comparo sua pintura a uma grande fuga barroca, com um tema principal, retomado com variações, de diferentes maneiras. Os recursos de expressão estética utilizados pelo artista constituem elementos de um código, na verdade fácil de decifrar. Van Gogh, Leonardo e Michelangelo fornecem ao artista a matéria-prima básica para sua grande construção pictórica: os torsos, o nu elaborado, os fundos amarelos, o Cristo, a cruz.

Sergio Ferro se apropria destes elementos sem a menor cerimônia, e como se não bastasse, acrescenta a essa louca gramática chapéus, cigarros e colagens. Com poucos elementos, o artista realiza a sua "coisa mental", resultado da oposição das figuras do símbolo e da alegoria.

O símbolo é sinônimo da totalidade, da clareza e da harmonia, enquanto que a alegoria interessa por sua obscuridade, seu peso, sua ineficiência. Na relação simbólica, o elo entre a imagem e sua significação é natural, transparente, imediato. Ao contrário, na relação alegórica, o elo é arbitrário, fruto de uma laboriosa construção intelectual.

O uso de metáforas, as imagens de destruição e decomposição, o caráter inacabado e fragmentário, a linguagem rigorosamente realista, servem para denunciar, alegoricamente, a crueldade destruidora da organização capitalista.

A alegoria, fruto da melancolia e da revolta, ao confessar a sua limitação, chega mais próxima da verdade do que a figuração simbólica, que acredita na utopia harmoniosa de uma transparência de sentido.

Melancolia e alegoria se apóiam uma na outra: somos melancólicos, porque só alegoricamente conseguimos lidar com objetos cuja universalidade nos escapa. Na alegoria, o artista usa o particular, em toda sua vitalidade, como ilustração do universal.

A amarração dessa complexa construção é realizada de maneira magistral, porque Sergio Ferro tem o domínio absoluto do desenho: desenho, *dessin*,

*dessein*, desejo, desígnio, signo, intenção, tensão, tesão.

Toda essa explosão de vida, feita em formas e cores, resulta num trabalho emocionante, de grande beleza estética. A serviço de que idéia?

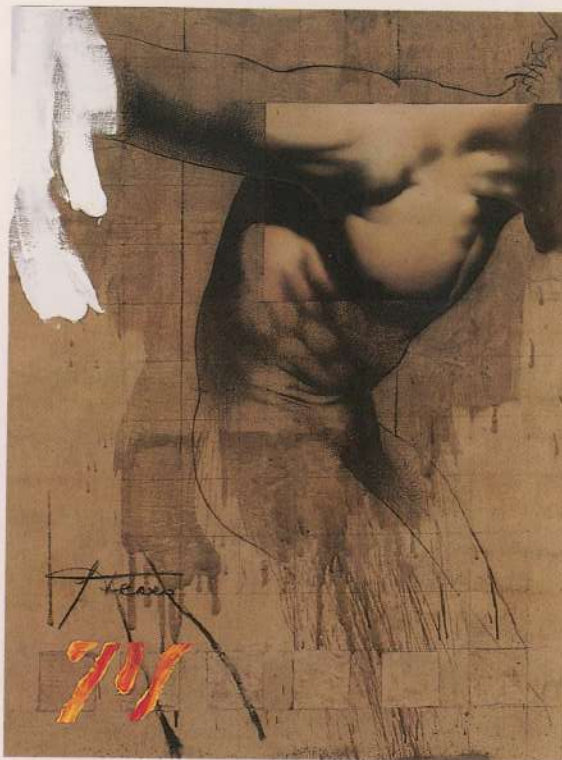
Pessimismo quanto ao presente, otimismo quanto ao futuro. Em outras palavras, esperança. No seu trabalho obstinado, que é uma autêntica luta, Ferro segue o que dizia o poeta: "Artista de mim mesmo, nem posso fracassar" (Cartola, *Camarim*).

É preciso registrar que a pintura de Sergio Ferro é uma parte de seu trabalho. Como Le Corbusier, ele vai buscar na prática das artes plásticas a "seiva intelectual" para o exercício de sua atividade de professor, arquiteto e escritor.

Em seu trabalho e sua arte, encontramos sempre a convicção subterrânea de que a nossa sensibilidade é capaz de enfrentar novos desafios e novas tarefas, e de que o ser humano pode transformar a realidade e a si mesmo.

Por isso tudo, fica para nós a idéia expressa por Walter Benjamin ao fim de seu ensaio sobre Goethe: "A esperança só nos é dada em consideração àqueles que não têm mais esperança".

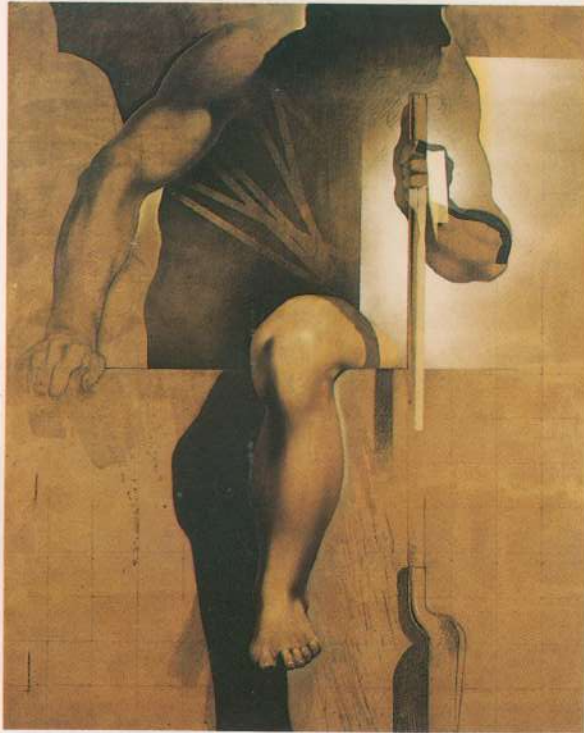
Luiz Kupfer



CRISTO 1989  
130x97cm  
Coleção Particular



PAUSA 1989  
146x114cm  
Coleção Particular



ESTUDO PARA CARTÃO Nº 1 1989  
162x130cm  
Coleção Particular



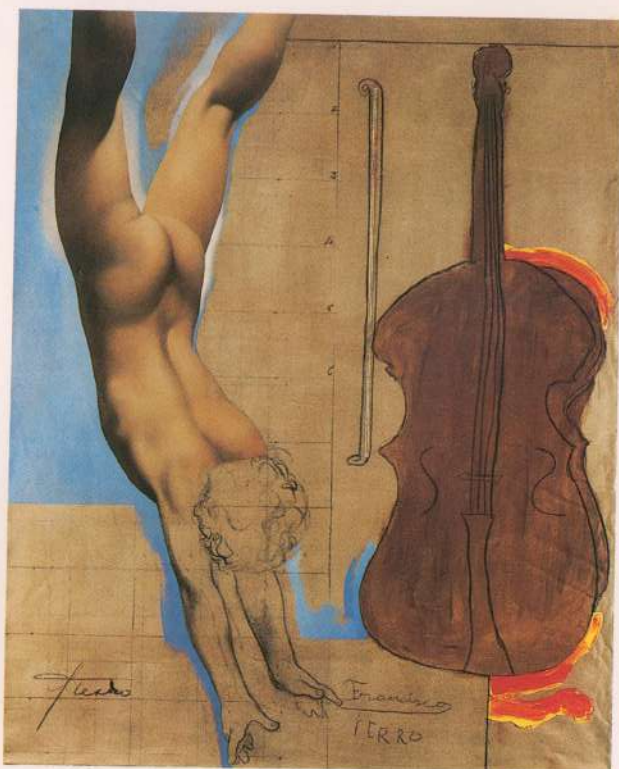
ESTUDO PARA CARTÃO Nº 2 1989  
162x130cm  
Coleção Particular



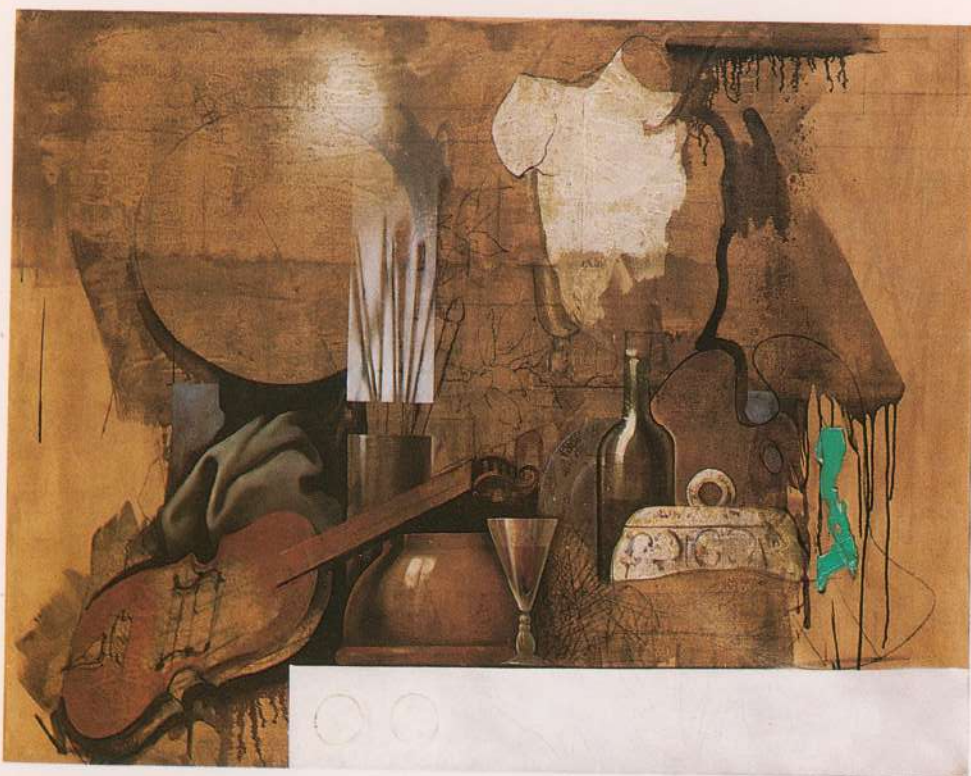
ESTUDO PARA CARTÃO Nº 3 1989  
162x130cm  
Coleção F. Lisboa



SOLDADO DESOCUPADO 1989  
162x130cm  
Coleção Particular

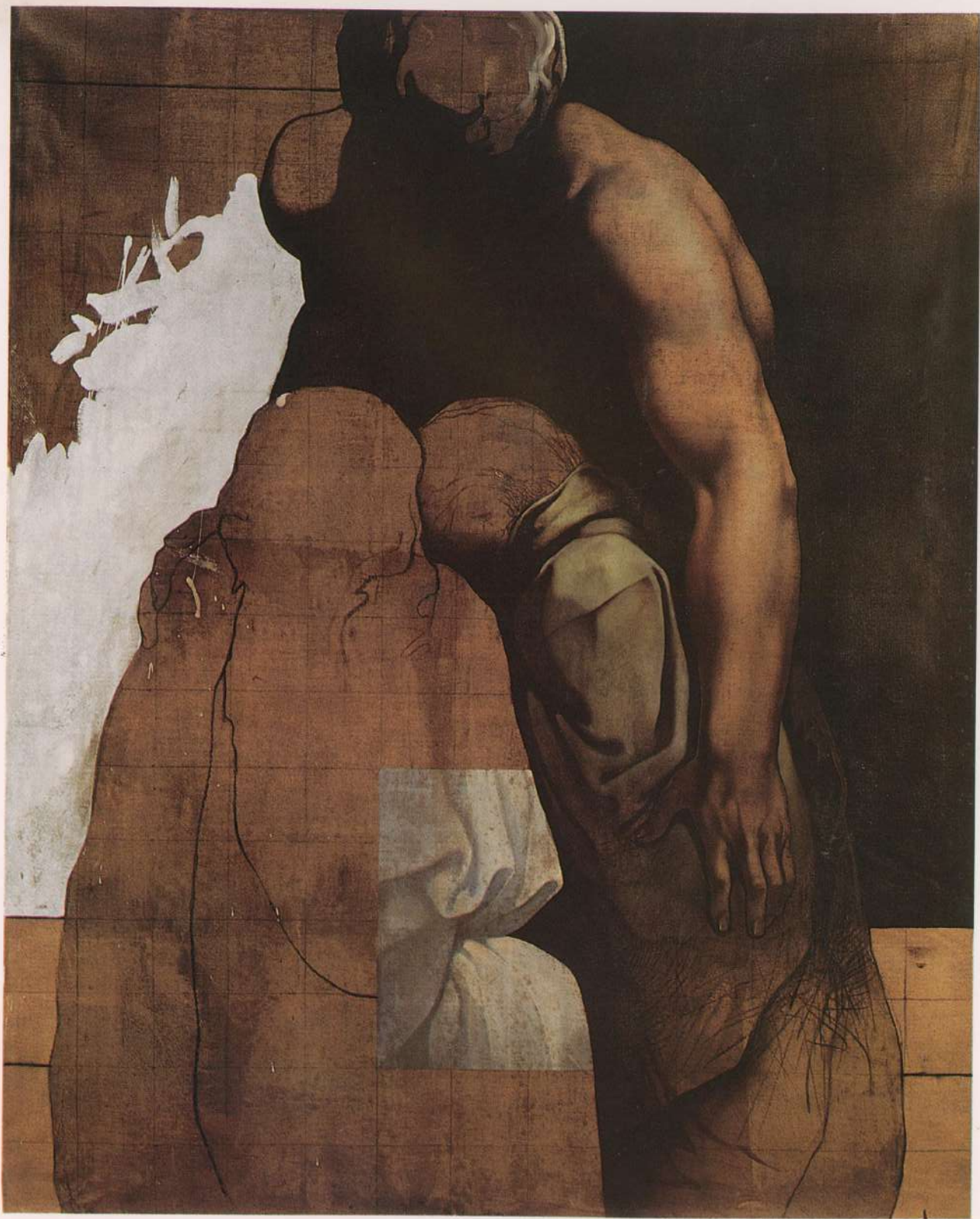


CHICO Sérgio Ferro e Francisco Ferro Peretra 1989  
162x130cm  
Coleção Particular



NATUREZA MORTA A 1989  
114x146cm  
Coleção Particular





A ACOLHIDA 1989  
162x130cm  
Coleção Particular



ES CRAVO I 1989  
130x162cm  
Coleção Particular